

# O POVO DO MEL, A PRAIA E O MATO

Iyalorixá Michele de Oxum

Camila Hein

Edgar Rodrigues Barbosa Neto

O presente ensaio é um testemunho de gratidão a Pai Radamez Guterres (Mano de Oxalá) pela sua generosidade e sabedoria, pelo tempo que cada um de nós teve o privilégio de compartilhar com ele, por tudo aquilo que nos ensinou, seu senso acurado de respeito e sua atitude cuidadosa diante de cada gesto ritual. Mano de Oxalá permaneceu à frente da Casa de Religião (Ilê de Axé) Sociedade Africana Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição desde o ano de 1988 até a sua passagem em 2018. Este Ilê de Axé, ou Casa de Religião, manteve-se vinculado à raiz cabinda na qual Mano de Oxalá se iniciou e da qual jamais se afastou. O seu aprontamento ritual aconteceu no dia 4 de fevereiro de 1988. Pai Radamez foi um rizógrafo cuidadoso e seu profundo respeito à ancestralidade cabinda contribuiu para o engrandecimento dessa linhagem de axé. Com sua morte, Iyalorixá Michele de Oxum assumiu a casa, que passou então a se chamar Sociedade Africana Nossa Senhora da Conceição e Divino Espírito Santo.

A Sociedade Africana Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição celebrava anualmente, sempre no final do mês de dezembro, um ritual de agradecimento pelo ano que passou e de primícias por aquele que virá. O ritual acontecia na Praia do Totó, margem oeste-sul da Lagoa dos Patos, próxima ao Balneário Nossa Senhora dos Prazeres e à distância de mais ou menos dezesseis quilômetros do centro da cidade de Pelotas (RS). No mesmo lugar, porém no interior da mata, um outro ritual, entre os meses de abril e maio, era oferecido ao orixá Ogum. As fotos abaixo correspondem a esses dois rituais, ambos ocorridos no ano de 2010, respectivamente nos meses de maio e dezembro.

O ritual começa no mato, com uma oferenda de aves aos primeiros orixás (Bará, Ogum Iansã, Xangô, Odé e Otim, Obá, Ossanha e Xapanã) e continua na areia da praia, às margens da lagoa, onde comem as divindades do mel (Bará Agelú, Oxum, Iemanjá e Oxalá). Sobre o “alá” (a toalha branca e sagrada de Oxalá), cuidadosamente estendido no chão, são dispostas as flores e as frutas, os doces, a comida seca e as aves sacralizadas. Na sua cabeceira, em pequenos buracos escavados na areia, acendem-se algumas velas, as quais, juntamente com um lampião a gás, garantem o ponto de luz em cujo contorno se forma a roda dos dançantes.

Os orixás, um a um, chegam ao mundo, e logo correm na direção das águas a fim de saudá-las, para em seguida voltar ao interior da roda, onde se destacam pelos movimentos mais graves que imprimem aos corpos, sulcando com força a areia, sobre a qual também se deitam, curvando a cabeça diante da oferenda que recebem. Consubstanciam-se conosco, e cada um de nós com a praia e com o fundamento das águas, ao comermos a canjica de Oxalá, doce e levemente aquecida, com coco desfiado, uma das comidas preferidas do povo do mel. Ao final, a obrigação é levantada da areia. Erguendo-a cuidadosamente pelas pontas e pelos lados do “alá”, todos caminham até a margem da lagoa, despachando o axé nas costas da primeira onda que se forma.

O batuque de Ogum acontece no último bosque situado imediatamente ao lado da mata do Totó, entre a estrada e a praia, na intersecção dos domínios pertencentes àqueles que governam o caminho (Ogum, Bará, Exu) e aos apreciadores do mel (Oxum, Iemanjá, Oxalá). Ao lado desse bosque, vestígios arqueológicos de uma aldeia guarani que remonta ao século XIV asseguram a presença do axé naquela terra. O axé é uma assinatura espiritual imanente à terra e que permite a ela subverter as fraturas coloniais do tempo, criando uma conexão ancestral entre a história indígena e a história afrodescendente.

No 199º ano de 2010, Mano de Oxalá, seu filho Jhonatan, Assis do Bará (na época seu filho de santo) e Edgar Barbosa Neto chegaram ao local perto do entardecer, quando ainda podiam contar com um pouco da luz do dia. Decidiram ir antes

de todos para poder organizar o lugar: um bosque fechado de árvores por todos os lados e com uma grande clareira no centro, ideal para a roda dos dançantes, e onde os orixás dariam então os seus primeiros passos naquela noite. Mano de Oxalá trouxe a imagem do Divino Espírito Santo, o Oxalá de sua cabeça, o Jobocum. Ela foi posta na cavidade aberta no tronco de uma frondosa figueira, a árvore sagrada do batuque, atrás da qual se estendia uma faixa de areia que conduzia até as águas da Lagoa dos Patos.

Ao lado da figueira, à esquerda de quem vinha pela estrada principal, um caminho, parcialmente iluminado por uma tocha, conduzia a essa praia, distante não mais do que dez metros do local onde estávamos. Aos pés da imagem, foram depositadas as comidas de alguns orixás e um tapete que as pessoas iriam usar quando batessem cabeça para Oxalá. Do lado contrário ao da figueira, uma pequena fogueira, improvisada na forma de um buraco aberto no chão, serviria para assar a carne dos dois cabritos oferecidos na noite anterior, mas também da costela, carne preferida de Ogum.

Quatro lampiões, pendurados em alguns galhos, circundavam o local, garantindo a sua iluminação. O ritual ocorreria nesse ponto de luz cercado de mato, e do qual só podíamos ouvir o barulho das ondas que rebentavam contra a areia e o adejar das folhas sacudidas pelo vento no cimo do bosque. Dois cães passeavam por ali, sinal de que Bará e Ogum estavam comendo e que haviam recebido a obrigação. A presença dos cães confirma a resposta favorável dos orixás. O cachorro é um signo do axé.

Fazia um certo frio naquela noite, mas o bosque, pela espessura do seu cinturão de árvores, continha parcialmente o vento, dando a todos a impressão de que o frio não era tão intenso. Poucos minutos antes do começo do ritual, quando todos já estavam prontos para formar a roda e Mano de Oxalá para fazer a chamada, cai sobre o local a primeira pancada de chuva. Como já estava anunciada pela previsão, havíamos decidido trazer alguns metros de toalha que serviria para abrigar o local. Mas o seu tamanho, aquém do necessário, só cobriu a parte que ficava ao pé da figueira e um pouco da roda dos dançantes. Na primeira estiagem, começaram a dançar, e nem mesmo as duas ou três pancadas que se seguiram foram capazes de interrompê-los. Os pés descalços ignoravam as poças de água, a terra fria e o barro que se formava, e podíamos vê-los revolvendo aquela areia escura e lamacenta enquanto, ao lado, o tamboreiro tirava sucessivamente todas as rezas, os axés de todos os orixás, cuidando para que o couro do tambor não fosse molhado.

Começa então a balança. Trata-se de um rito dentro do rito, absolutamente necessário quando na véspera foi sacralizado um animal de quatro patas. A balança é formada por pessoas que, em grupos de seis ou múltiplos deste número (que é o axé de Xangô, orixá associado à justiça e à sua representação na forma da balança), organizadas em uma disposição circular, enlaçam as mãos no interior da roda maior e dão início a uma série de movimentos de aproximação e de afastamento em relação ao seu próprio ponto central, até que os orixás se lancem sobre os corpos, para em seguida, largadas as mãos, assumirem o estilo que lhes é próprio, dançando na marcação que particulariza a cada um. Antes da chegada dos orixás, as mãos não podem, sob hipótese nenhuma, se soltar.

Sob aquela chuva insistente, mistura delicada de sacrifício e de bênção, víamos os orixás dançar, enquanto à sua volta, com passos mais lentos, continuavam os humanos, no seu ritmo mais humano. O axé gosta do barro e da chuva, da praia e do mato. São seus signos também.



























